

MODELO TEÓRICO DO CADERNO “FOLHA CIDADES” DA FOLHA DE LONDRINA: FERRAMENTA DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Eliana Merlin Deganutti de Barros *
Gabriela Martins Mafra **

Resumo: Este trabalho é fruto de resultados obtidos no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objetos de transposição didática externa”. O objetivo geral do artigo é apresentar parte de um *modelo teórico* do Caderno Folha Cidades da *Folha de Londrina*, focado no mapeamento dos gêneros textuais desse Caderno. A fundamentação teórico-metodológica baseia-se nos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo, tanto na vertente de análise de textos como da transposição didática de gêneros textuais. O modelo teórico aqui apresentado revela-se como um suporte para a elaboração de inúmeros materiais didáticos voltados ao ensino de gêneros do jornal, tendo, sobretudo, a *Folha de Londrina* como objeto mediador da aprendizagem da língua.

Palavras-chave: Interacionismo sociodiscursivo. Transposição didática. Modelo teórico. Gêneros jornalísticos.

THEORETICAL MODEL OF “FOLHA CIDADES” SECTION AT FOLHA DE LONDRINA NEWSPAPER: DIDACTIC TRANSPOSITION TOOL

Abstract: This work was extracted from the development of the research project “Genres of journalistic media as object of external didactic transposition”. The general objective of the article is presenting part of a theoretical model of Folha Cidades Section at Folha de Londrina newspaper, focused on the mapping of this Section’s textual genres. The theoretical-methodological ground is based on the studies of the Socio-Discursive Interactionism, both in the text analysis side and on the didactic transposition of text genres. The theoretical model presented herein is revealed as a support for the elaboration of several textbooks turned to the teaching of newspaper genres, having Folha de Londrina newspaper as main mediator object of the language learning.

Keywords: Socio-Discursive interactionism. Didactic Transposition. Theoretical Model. Journalist Genres.

Introdução

O objetivo geral deste trabalho é fazer um inventário dos gêneros textuais do Caderno Folha Cidades (doravante CFC) do jornal *Folha de Londrina*, a fim de que esses possam ser objetos de transposição didática, numa etapa posterior do projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objetos de transposição didática externa”.

Para tanto, foi necessária, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica sobre a esfera jornalística e os gêneros que circulam no jornal, tendo como respaldo estudos tanto da área da Comunicação/Jornalismo, como do campo dos Estudos da Linguagem – a qual apresentamos neste artigo. Para a realização do inventário, além da pesquisa bibliográfica sobre os gêneros do jornal, foi preciso também

compilar um *corpus* representativo do jornal em questão. Nesse sentido, selecionamos os meses de março, abril e maio de 2013, por serem exemplares recentes (em relação ao período inicial da pesquisa) e representarem um número significativo para a efetivação dos nossos objetivos. Consideramos três meses um período abrangente e suficiente para a elaboração do modelo teórico, uma vez que o Caderno estudado mantém uma regularidade em relação ao plano global, com mudanças eventuais. A seleção do objeto de pesquisa se deu pelo fato de a *Folha de Londrina* ser um jornal regional e por isso proporcionar *letramentos locais* (ROJO, 2009). Embora essa fase da pesquisa tenha cunho mais teórico, os objetivos gerais giram em torno de preocupações em relação ao ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa.

Esta pesquisa é orientada teoricamente pelos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2003; 2006a; SCHNEUWLY; DOLZ, 2004; DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010; BARROS, 2012, entre outros), que tem como foco o estudo da linguagem pelo viés interacionista, tendo como tese o fato de o desenvolvimento humano ser resultado das interações languageiras do ser humano. Para suas pesquisas, o ISD privilegia a noção de gênero textual como “megainstrumento” da comunicação e, no viés da didática das línguas, toma o gênero como instrumento de ensino da língua.

Essa concepção do ensino da língua é também compartilhada por documentos oficiais do ensino da Língua Portuguesa (PCN – BRASIL, 1997, 1998; DCE – PARANÁ, 2008). Devido à grande dificuldade encontrada por parte da maioria dos professores no processamento da transposição didática dos gêneros veiculados à esfera jornalística, como também à falta de consenso na classificação dos gêneros do jornal, objetivamos elaborar *modelos teóricos* (BARROS, 2012b) dos Cadernos da *Folha de Londrina*. Para este trabalho apresentamos um recorte da pesquisa, a qual se dedica a mapear e a descrever os gêneros do CFC, focando suas *potencialidades ensináveis* para o ensino da Língua Portuguesa.

A partir dessa premissa, pretendemos, neste trabalho, apontar um conjunto de possíveis gêneros que são veiculados no CFC da *Folha de Londrina* e que podem ser tomados como objetos de ensino da língua. Para tanto, fizemos um levantamento em três etapas: 1) um estudo bibliográfico desses gêneros (ver seção 3); 2) descrição do CFC com base em uma categoria de análise do ISD: plano global (ver seção 5); 3) identificação dos gêneros que compõem o CFC, discutindo sua

funcionalidade dentro do Caderno (ver seção 5).

Para estruturar este artigo e expor o levantamento, trazemos, primeiramente, a corrente teórica Interacionista Sociodiscursiva (ISD) que tomamos como base epistemológica para nossa investigação. Em seguida discutimos sobre a esfera jornalística e suas classificações, para, assim, expor nossas análises e interpretações em relação ao *corpus* pesquisado. Por fim, analisamos, a partir de uma categoria do ISD – o plano global – o CFC da *Folha de Londrina*. Dessa forma, trazemos um recorte do modelo teórico desse Caderno, que pode servir de instrumento para a elaboração de materiais didáticos focados na transposição didática dos gêneros que o compõem ou que o tomem como objeto de ensino.

1 Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)

Segundo Bronckart (2006b), o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) é tanto uma variante quanto uma extensão do interacionismo social (VYGOTSKY, 2008), aceitando, a princípio, todas as suas ideias fundadoras. O ISD, mais que uma escola teórica ou linguística, pretende ser uma *corrente da ciência do humano*, a fim de analisar e compreender as atividades languageiras.

Embora o ISD comungue dos mesmos princípios vigotskianos, ou seja, dando ao social um papel centralizador, ele tem como foco as questões discursivas, ou seja, é por meio das “atividades languageiras” que se compreende o desenvolvimento humano. Para o ISD, a linguagem refrata e reflete o social.

Como objetiva investigar os efeitos das práticas de linguagem no desenvolvimento humano, o ISD sistematiza categorias para a análise dessas práticas materializadas em textos, a partir de dois conjuntos. De um lado, o *contexto de produção* textual e, do outro, a *arquitetura interna dos textos*. Percebemos que para viabilizar uma análise é importante criar instrumentos, ou seja, categorias que possibilitem um olhar especial para a discursividade. É nesse sentido que Bronckart constrói seu modelo de análise.

Em relação ao segundo conjunto do “modelo” de análise do ISD, a *arquitetura interna* do texto, Bronckart (2003) a subdivide em: a) *infraestrutura textual* (plano textual global¹, tipos de discurso, tipos de sequência ou outras formas de planificação); b) *mecanismos de textualização* (conexão, coesão nominal e coesão verbal); c) *mecanismos enunciativos* (vozes e as modalizações).

O ISD, visualizando a necessidade de tomar o gênero textual tanto como objeto como instrumento de ensino da língua, uma vez que o vê tanto na perspectiva do *objetivo* (objeto) como dos *meios* (instrumentos) relacionados à tarefa de ensinar uma língua, empresta o conceito de *transposição didática* de Chevallard (1984) – transformações pelas quais um objeto teórico de referência passa até ser didatizado. Segundo Dolz, Gagnon e Canelas-Trevisi (2009), a transposição didática pode ser vista por dois ângulos. Um diz respeito à *transposição didática externa*, etapa na qual o objeto teórico é transformado em objeto a ser ensinado; o outro comporta a *transposição didática interna*, na qual os conhecimentos passam a ser efetivamente ensinados e aprendidos (BARROS, 2012a).

A transposição didática externa pressupõe a criação de um modelo didático, no qual devem estar evidentes as *potencialidades ensináveis* do gênero textual. Ele constitui uma referência para a produção oral/escrita de um gênero textual que será alvo de ensino sistematizado. Para Dolz, Gagnon e Decândio (2010), o modelo didático deve trazer três elementos: 1) o conhecimento dos especialistas do gênero; 2) a descrição dos diferentes elementos que compõem o funcionamento do texto/discurso; 3) as capacidades de linguagem dos aprendizes. Portanto, o modelo didático precisa comportar o que é dito sobre aquele gênero, para tanto é preciso um estudo bibliográfico; também precisa apresentar a síntese das características do gênero relacionadas às capacidades de ação, capacidades linguísticas e capacidades linguístico-discursivas.

Entretanto, esse processo de modelização pode ser feito, *a priori*, sem levar em conta as capacidades de linguagem dos aprendizes, ou seja, o contexto de intervenção – é o que Barros (2012b) chama de *modelo teórico*:

[...] o modelo do gênero pode ser visto, *a priori*, apenas teoricamente, isto é, sua construção não necessitaria levar em conta as capacidades dos alunos nem as particularidades do contexto de ensino. Ele pode ser elaborado, a princípio, de forma genérica e servir como base teórica para a elaboração de diversas SD – essas, sim, precisam ser adaptadas a um contexto de ensino específico, uma vez que se configuram ferramentas didáticas que possibilitam a transposição do conhecimento teórico de um gênero para o conhecimento a ser ensinado. (BARROS, 2012b, p. 15).

Ou seja, o modelo teórico é um processo que pode estar desvinculado da produção imediata de um material didático, diferentemente do modelo didático –

aporte essencial para a construção de materiais didáticos. Neste artigo, o objetivo é justamente produzir um *modelo teórico* do CFC da *Folha de Londrina*, focado no plano global do ISD. Entretanto, no nosso caso, estamos adaptando a noção de modelo teórico, pois a nossa análise não recai sobre um gênero, mas sobre um *subsporte* (ver seção 4), um Caderno do jornal.

2 Esfera jornalística e a problemática da classificação dos gêneros

Segundo Seixas (2009), o estudo dos gêneros jornalísticos toma consistência a partir da primeira metade do século XX. É por volta de 1950, contudo, que o jornal começa a ser enxergado como um suporte/espço que comporta vários gêneros textuais. Concebemos o jornal como um produto da esfera jornalística, pois essa esfera veicula vários gêneros textuais, isso não quer dizer que esses gêneros pertençam apenas a essa esfera. Por exemplo: as crônicas, tirinhas, indicadores são gêneros que também circulam em outras esferas. Respectivamente, os dois primeiros estão presentes também na esfera do entretenimento e, o último, na esfera econômica.

Pode-se pensar também na “migração de esferas”. Por exemplo, a crônica, texto escrito para ser publicado no jornal, evidentemente, é um dos gêneros pertencentes normalmente ao arquitexto jornalístico, porém pode, eventualmente, dependendo do seu caráter estético, ser transposta para uma coletânea de crônicas, ou seja, migrar para a esfera literária. Nesse deslocamento, mesmo a textualidade permanecendo intacta, há um processo de transmutação genérica, uma vez que o gênero passa a sofrer influências de um novo contexto de recepção – há um deslocamento da leitura para outra esfera social.

Cada esfera comporta gêneros textuais condizentes com seus objetivos. Sendo assim, o contexto “forjado” pela esfera influencia diretamente nas escolhas linguístico-discursivas do texto, ou seja, o tratamento dos componentes do gênero textual varia em razão também dos objetivos de cada esfera.

Dessa forma, antes de descrever o CFC cabe pensar na esfera jornalística como um todo, suas principais características que influenciaram direta ou indiretamente o Caderno.

Os gêneros jornalísticos impressos precisam ser cada vez mais dinâmicos, pois a velocidade do mundo contemporâneo e os múltiplos papéis desenvolvidos

pelo ser humano fazem com que ele tenha cada vez menos tempo para a leitura diária do jornal. Acrescente-se a isso o fato de o jornal impresso disputar leitores, muitas vezes, em nível de desigualdade, com os veículos jornalísticos das mídias televisiva e virtual. Devido a esse contexto, os gêneros impressos estão cada vez mais voltados à objetividade discursiva, além de precisarem desenvolver estratégias para tentarem chamar a atenção do seu interlocutor, uma vez que o leitor de hoje é muito mais seletivo. Um exemplo desse fato são os títulos das matérias jornalísticas: “Em função da concorrência com outros meios, os jornais procuram tornar seus títulos atraentes, unindo densidade de informação e originalidade.” (FARIA; ZANCHETTA JR, 2007, p. 13, grifos nossos).

É visando esse fato que, no primeiro parágrafo, principalmente de notícias, notas e reportagens, o autor procura colocar o máximo de informações, as quais geralmente correspondem ao lide (respostas a: quem – o quê – quando – como – onde – por quê). Isso é feito com objetivo de “guiar” o leitor, para que depois sejam apresentadas as complementações textuais (no caso das reportagens, isso pode aparecer em forma de entrevista, infográfico, olho²). Faria e Zanchietta Jr. dizem que “[...] embora criticada por tolher a criatividade dos jornalistas (que seriam obrigados a começar seus textos sempre da mesma maneira) a estrutura do lide está presente na grande maioria dos jornais impressos, sobretudo naqueles de maior circulação.” (FARIA; ZANCHETTA JR, 2007, p. 29).

2.1 Revisão da literatura sobre classificações dos gêneros jornalísticos

Por não haver uma classificação unânime em relação aos gêneros jornalísticos, cabe aqui trazer algumas perspectivas para chegarmos a um quadro conceitual de base para nossa pesquisa. Dessa forma, trazemos algumas categorizações dos gêneros do jornal, privilegiando as de maior impacto na área da Comunicação e dos Estudos da Linguagem.

A seguir trazemos classificações importantes no que se refere aos gêneros jornalísticos: Beltrão (1969), Melo (1985), Chaparro (1998), Medina (2001), Bonini (2003) – pesquisador da área dos estudos da linguagem – e Filho (2011).

Luiz Beltrão é um dos pioneiros, no contexto brasileiro, na classificação dos gêneros jornalísticos, mas é com José Marques de Melo, seguidor de Beltrão, que se populariza a grande dicotomia segundo a qual o jornal possui dois aspectos que se contrapõem: o *informativo* e o *opinativo*. Elencamos no quadro a seguir um

compilado das classificações de autores que privilegiam essa dicotomia.

Quadro 1 – Informação X Opinião

Beltrão (1969)	Melo (1985)	Chaparro (1998)	Filho (2011)
a) jornalismo informativo	a) jornalismo informativo	a) gênero comentário: espécies argumentativos/ espécies gráfico- artísticas	a) Informação
b) jornalismo interpretativo	b) jornalismo opinativo	b) gênero relato: espécies narrativas/espécies práticas	b) opinião
c) jornalismo opinativo			

Fonte: as autoras.

Percebemos que Filho (2011), Melo (1985) e Chaparro (1998) compartilham da mesma percepção para a classificação dos gêneros do jornal, mesmo utilizando nomenclaturas diferentes. Já Beltrão (1969) acrescenta a elas a categoria de *jornalismo interpretativo*. Categoria essa que é voltada para a análise dos fatos, o que não deixa de ter um vínculo com a opinião. Dessa forma, todos os trabalhos seguem o mesmo direcionamento, ou seja, são pautados na dicotomia informação X opinião/interpretação.

A esses três grupos que se formam – informativo, opinativo e interpretativo – Medina (2001) adiciona o grupo “entretenimento”. Para o autor, o jornalismo é formado por:

[...] quatro grandes grupos: informativo, com a preocupação de relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível; interpretativo, que, além de informar, procura interpretar os fatos; opinativo, expressa um ponto de vista a respeito de um fato; entretenimento, que são informações que visam à distração dos leitores. (MEDINA, 2001, p. 51).

Como podemos perceber, a classificação de Medina (2001) mistura duas categorias diferentes – a *tipologia textual* (opinativo, interpretativo e informativo) e a *esfera social* (entretenimento – correspondente aos objetivos dos gêneros). Com certeza, isso é problemático, uma vez que o autor não consegue seguir um único

ponto de vista para fazer sua classificação dos gêneros do jornal.

Entendemos que essas divisões em categorias jornalísticas podem facilitar o trabalho de inventário dos gêneros do jornal, uma vez que se pode pensar num gênero a partir dessas macrocategorias. Entretanto, para a nossa pesquisa não consideraremos essa categorização que coloca em lados totalmente opostos a informação (jornalismo informativo) e a opinião (jornalismo opinativo/interpretativo), pois defendemos, assim como Chaparro (1998), que retifica sua antiga concepção, que informação e opinião estão sobrepostas, ou seja, hoje em dia é quase impossível distinguir um texto jornalístico puramente informativo e um puramente opinativo.

Sendo assim, para nossa investigação, aderimos a algumas categorias formuladas por Bonini (2003, p. 221), conforme descrevemos a seguir.

Quadro 2 – Categorização adotada pela pesquisa

Gêneros da atividade jornalística – estão presentes no ambiente de produção do jornal. São externos ao jornal. Exemplos: pauta, coletiva: entrevista.	Gêneros do jornal – ocorrem no jornal. Gêneros internos do jornal. Exemplos: foto-legenda, charge, infográfico.
Gêneros centrais – estão diretamente ligados à organização e aos principais objetivos sociais/comunicativos do jornal. Esses objetivos são o de informar e de opinar em relação a informação. Exemplos: carta do leitor, editorial, reportagem.	Gêneros periféricos – não são essencialmente do jornal, advém de propósitos externos ao jornal, ou seja, não são puramente jornalísticos vindos de outras esferas. Como os vindos da esfera do entretenimento: horóscopo, receita, cupom.
Gêneros autônomos – unidades textuais independentes: funcionam sozinhas, mesmo que, eventualmente, possam aparecer conjugadas, ou seja, esses gêneros não precisam de outros para ser compreendidos. Como: roteiro, notícia, tira.	Gêneros conjugados – dependem (complementam o sentido) de outros gêneros. Por exemplo: indicador, endereço eletrônico, infográfico.

Fonte: adaptação de Bonini (2003).

Bonini (2003) também faz a divisão entre gêneros presos e livres, todavia, devido à dinamicidade dessa esfera e aos propósitos didáticos da nossa pesquisa, não acatamos a essa subdivisão. Pelo fato de o autor ser da área dos estudos da linguagem e trabalhar com a noção de gêneros textuais, acreditamos que sua categorização, de forma geral, está mais próxima das nossas propostas de investigação do CFC.

Outro diferencial da nossa pesquisa em relação a de Bonini (2003) é que consideramos conjugado também o gênero que depende de uma coluna. Para nós,

os gêneros que estão vinculados a uma coluna são dependentes desse espaço, ou seja, conjugados a ela.

Bonini (2003) diz que os autores da literatura jornalística não procuram descrever nem entender os gêneros, mas sim verificar sua ocorrência espacial no jornal: “[...] são feitos levantamentos das ocorrências dos gêneros no jornal com a medição dos cm^2 que cada gênero ocupa.” (BONINI, 2003, p. 219). Porém, o autor vê o jornal por um viés mais funcional. Nesse sentido, ressalta que a classificação do jornal não pode ser engessada, pois se generalizarmos amplamente uma classificação perderemos incidências de alguns gêneros que, muitas vezes, não são nem nomeados. Podemos exemplificar com o gênero “nota”, que, muitas vezes, é nomeado como notícia. Já para ilustrar um gênero sem nomenclatura tradicional, podemos citar um gênero mapeado na nossa investigação do CFC, que denominamos “resposta instrucional/explicativa” (ver na seção analítica). Assim, na nossa pesquisa, embora haja uma investigação quantitativa dos gêneros que compõem o CFC, propomos entender, sobretudo, a funcionalidade desses dentro do Caderno.

Sendo assim, “[...] muito mais do que apenas compreender uma classificação, é necessário compreender a origem atrás da classificação [...] como os grupos sociais usam, rotulam, conservam e mudam os gêneros.” (FILHO, 2011, p. 19). Ou seja, em um mapeamento é imprescindível também investigar o uso das nomenclaturas, as características dos gêneros (contextuais, estruturais e linguístico-discursivas) e a relação com o seu entorno discursivo, além de perceber a utilização desse gênero pela sociedade e as mudanças que essa apropriação acarretam nas pessoas. Evidentemente, este artigo não dará conta de abarcar todos esses objetivos, pois é um recorte de pesquisa mais abrangente.

3 A pesquisa empírica: o contexto metodológico

O que impulsionou a criação do projeto de pesquisa ao qual este estudo está vinculado foi o Programa Folha Cidadania, desenvolvido pela *Folha de Londrina*, o qual tem por objetivo combater o analfabetismo funcional, com foco no incentivo à leitura, atendendo escolas das redes pública e particular de ensino de Londrina e região. No jornal, esse programa tem dois espaços fixos na edição semanal de terça-feira: 1) o primeiro diz respeito a boxes com matérias jornalísticas selecionadas

durante a semana, que didatizam o conteúdo, com detalhamento de fatos, informações, nomenclaturas, etc.; esses boxes podem aparecer em todos os Cadernos do jornal; 2) uma página central no Caderno Folha 2 com uma matéria sobre educação (geralmente são experiências de escolas parceiras do Folha Cidadania).

A *Folha de Londrina* torna-se o nosso grande *suporte*, por promover esse letramento regional. Na nossa pesquisa, consideramos os seus Cadernos como *subsuportes*, uma vez que cada um possui um contexto de produção particular – a título de exemplo, geralmente há leitores específicos. Como já dissemos, o nosso objeto de estudo é um de seus subsuportes: o CFC. O *corpus* analisado é constituído pelos meses de março, abril e maio de 2013, devido a nossa pesquisa ter começado nessa época. Analisamos o Caderno de terça-feira a sábado, pois é nesse período que ele se encontra completo. Nossa pesquisa pretende apontar, assim, um conjunto de possíveis gêneros veiculados por esse Caderno e que podem ser tomados como objetos de ensino da língua.

Para sistematizarmos as análises inseridas na grande pesquisa que fundamenta esse estudo, retomamos dois conceitos utilizados por Bonini (2003) em sua pesquisa: o contexto micro e macro das análises. Na *macroanálise* estudamos o Jornal e seus Cadernos (a análise do CFC constitui o foco desse artigo). Na *microanálise*, o foco são os gêneros que compõem o Jornal. Para este artigo, a macroanálise é conduzida pelo estudo do plano textual global do CFC.

Nosso levantamento foi feito em três etapas: 1) um estudo bibliográfico desses gêneros (ver seção: *o mapeamento dos gêneros da CFC*); 2) descrição do CFC com base no plano textual global; 3) identificação dos gêneros que compõem o CFC, discutindo sua funcionalidade dentro do Caderno. A intenção é identificar e descrever os gêneros desse Caderno para que se transformem em objetos de ensino da Língua Portuguesa.

Para nossa análise consideramos alguns conceitos como: suporte, subsuporte (os quais já foram discutidos anteriormente), seção e coluna. Para *coluna* comungamos da mesma definição de Bonini: “[...] é um espaço no jornal onde circulam vários gêneros.” (BONINI, 2003, p. 226) – um espaço fixo, normalmente, configurado esteticamente de maneira vertical, e sempre intitulado de forma padrão. Dessa forma, não aderimos à premissa de alguns autores (entre eles Fontana, Paviani e Pressanto, 2009) que consideram a coluna como um gênero de texto. Já

seção podemos definir como uma parte do Caderno que possui gêneros voltados aos mesmos objetivos ou a um mesmo conteúdo temático, como, por exemplo, a seção Opinião do Primeiro Caderno da *Folha de Londrina* que veicula textos que têm como propósito fundamental divulgar opiniões sobre temas atuais e polêmicos.

Para nossa investigação, também nos apoiamos em dados coletados em entrevista com a *Folha de Londrina* no dia 04 de novembro de 2013 e fornecida por jornalistas vinculados ao Programa Folha Cidadania.

4 O mapeamento dos gêneros da CFC

Primeiramente, cabe apresentar quadros-síntese dos gêneros do CFC, tanto para ver a sua incidência no Caderno, quanto para analisar sua representação. Dessa forma, conseguimos montar nossa definição dos gêneros, bem como descrever seu funcionamento dentro do Caderno.

Para sintetizar esse mapeamento, analisamos os gêneros do CFC com base na nossa adaptação das categorias jornalísticas de Bonini (2003, p. 225).

Quadro 3 – Síntese da categorização dos gêneros do CFC

CADERNO FOLHA CIDADES			
GÊNEROS DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA	GÊNEROS DO JORNAL		
	GÊNEROS CENTRAIS		GÊNEROS PERIFÉRICOS
Reunião de pauta	Autônomos em relação a outros gêneros	Conjugado a outro gênero	Anúncio publicitário comercial
Pauta	Resposta explicativa ou instrucional	Infográfico	Nota social
Coletiva: entrevista	Nota obituário	Foto/legenda	
	Reportagem		
	Roteiro		
	Previsão do tempo		
	Notícia		

Fonte: as autoras.

Constatamos que dos dez gêneros encontrados, dois aparecem conjugados a reportagens – infográfico e foto-legenda – e cinco conjugados a colunas – resposta explicativa ou instrucional, roteiro, nota obituário, nota social, notícia. Dessa forma, uma das características que encontramos em nosso Caderno é que ele não possui uma grande flexibilidade discursiva, pois é planejado, de forma geral, por colunas fixas e diárias, sobrando pouco espaço de liberdade para o editor. Essa “liberdade”

editorial, de certo modo, fica restrita quase que exclusivamente às reportagens publicadas.

Para demonstrar a ocorrência dos textos no CFC, sob o viés quantitativo, apresentamos, a seguir, um quadro que mostra a quantidade de exemplares de cada gênero encontrado nos três meses da pesquisa empírica, juntamente com a representatividade em porcentagem.

Quadro 4 – Representatividade dos gêneros do CFC

Gêneros textuais da Folha Cidades	Março 2013	Abril 2013	Mai 2013	Total de textos	%
Nota social	327	313	411	1051	48,16%
Foto/Legenda	112	102	120	334	15,30%
Reportagem	112	97	98	307	14,10%
Anúncio publicitário comercial	56	63	71	190	8,70%
Resposta instrucional ou explicativa	22	21	23	66	3%
Roteiro	22	21	23	66	3%
Previsão do tempo	22	21	23	66	3%
Nota Obituário	22	21	23	66	3%
Notícia (Coluna “Giro pelo Paraná”)	7	8	9	24	1,10%
Infográfico	2	2	3	7	0,32%
Notícia	2	2	1	5	0,22%
TOTAL	706	671	805	2.182	100%

Fonte: as autoras.

Esse Caderno tem o objetivo de informar a população sobre fatos da região e auxiliar no seu dia a dia. Assim como Bonini (2003), entendemos que “[...] a ocorrência dos gêneros nos textos do jornal não se dá em unidades facilmente delimitáveis.” (BONINI, 2003, p. 208). Sendo assim, foi muito complicado elaborar esse inventário, pois tivemos que selecionar quais seriam os aspectos que consideraríamos para delimitar um gênero – por exemplo, se tomaríamos “coluna” como gênero ou não. Além disso, tivemos que nos basear em várias classificações de outros autores – tanto da área do jornalismo como dos estudos da linguagem – para relacionar os textos encontrados no CFC com os já nomeados por esses pesquisadores. Muitas vezes, tivemos que nomear um gênero a partir de vestígios de gêneros parecidos, pois o texto que se apresentava no Caderno não correspondia exatamente a nenhum outro descrito pelos estudiosos da área.

A seguir, descrevemos nosso inventário, destacando aquilo que foi proposto

na introdução desse tópico. Começamos pelo “coração do jornal”. Dizemos isso, pois a reportagem e a notícia são tidas como os gêneros mais importantes do jornal, isso de uma perspectiva generalista. São os gêneros centrais do jornal.

Segundo Carvalho e Gurgel (2010), notícia é um “[...] relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. Contém necessariamente repostas as perguntas de Quintiliano (que+quem+quando+como+onde+porque).” (CARVALHO; GURGEL, 2010, p. 3). As notícias encontradas no CFC não são homogêneas. Devido a isso não podemos generalizar esse conceito, cabendo assim dividi-las em dois tópicos para que se torne possível analisá-las individualmente: 1) notícias que estão conjugadas à coluna “Giro pelo Paraná” – geralmente comportam apenas as respostas do lide, por serem curtas e diretas, tendo como objetivo noticiar algum acontecimento de uma das cidades do Paraná; 2) notícias que aparecem na terceira página do Caderno, no canto inferior da página, que relatam, de forma breve, acontecimentos inusitados da região, com certo tom de humor – aparecem do lado de uma foto, texto em itálico, título formado por um substantivo, destacado em negrito e itálico; geralmente não possui opinião, nem entrevistas e não exploram o como/por que do lide.

Após essa apresentação da configuração das notícias do CFC, discutiremos seu funcionamento e sua representatividade. Constatamos que o percentual obtido dos três modelos encontrados é de 1,32% nos três meses, demonstrando assim um percentual pequeno, mas que pode ser explicado pelo fato de a notícia conjugada à coluna “Giro pelo Paraná” aparecer apenas de uma a duas vezes por semana. Em relação à notícia com fatos “excepcionais”, elas foram encontradas apenas cinco vezes nos meses analisados. Isso não implica dizer que elas não tenham uma relevância, porque ambas têm o papel de informar em relação a eventos acontecidos, por exemplo, mudanças no trânsito, ou mutirões para combater algum problema, como dengue, vandalismo, além de comentarem sobre alguma data comemorativa.

A seguir trazemos uma definição de *reportagem*, diferenciando-a de notícia, para introduzir nossa discussão.

A reportagem é a cobertura detalhada e aprofundada de fatos recentes e de grande repercussão ou de temas que o repórter procura desdobrar em seus aspectos mais importantes. Difere da notícia em conteúdo, extensão e profundidade. É sempre baseada em fontes – especialistas no assunto, pessoas envolvidas no fato,

material de arquivo consultado pelo repórter, pesquisa [...] (LOPES-ROSSI, 2008, p.7).

Percebemos que entre notícia e reportagem existem sutis diferenças relacionadas, quase sempre, à profundidade que se trata o fato, como ele será explorado. Sendo assim, não cabe dizer que notícia é um “[...] puro registro dos fatos, mas sem entrevistados.” (MEDINA, 2001, p. 54), pois essa definição está ultrapassada, já que em nossa pesquisa pudemos constatar que muitas notícias traziam vozes externas para explorar uma das questões do lide.

Podemos dizer que existem modelos de reportagem e tipos de reportagem. A primeira denota formato, se tem algum gênero textual conjugado (foto-legenda, infográfico, entrevista, boxes de texto complementares). Já a segunda está relacionada ao foco discursivo. Assim como Sodr e e Ferrari (1986), tamb em distinguimos reportagem de fatos e reportagem documental (sobre um tema). Interpretamos a primeira como uma extensão/complemento da notícia, de forma a aprofundá-la. A segunda explora um assunto/tema que, muitas vezes, não   novo, mas sempre de interesse atual, do ponto de vista de quem publica. Por exemplo, pode-se focar um tema pelo fato de haver novas descobertas sobre ele ou simplesmente pelo interesse em explorar algum de seus aspectos.

No CFC, encontramos modelos de reportagem configurados em textos isolados, contendo apenas: foto-legenda, título e o texto. Entretanto, o formato mais comumente encontrado no CFC   o descrito a seguir:

No jornal, a reportagem longa   dividida em textos auxiliares, tamb em chamados de retrancas, cada um com um título próprio [...]. Tanto jornais quanto revistas apresentam fotos, ilustra es e informa es em boxes e infográficos. Todos esses elementos compõem a reportagem e não devem ser considerados isoladamente [...] (LOPES-ROSSI, 2008, p. 7).

Na nossa pesquisa empírica, detectamos que as reportagens veiculadas pelo CFC são formadas por um texto principal e cerca de dois a quatro textos complementares (retrancas). O texto principal   assinado pelo jornalista e, nos textos complementares, aparecem apenas a sigla do seu nome – esse   um procedimento padrão no jornal: o nome por extenso do jornalista somente aparece no primeiro texto da página. Por exemplo, a reportagem de 29 de março de 2013 trazia como título principal “Uma vida de dedica o e de amor ao próximo”. Já seus textos

complementares exploravam aspectos relacionados ao Padre Lino Stahl – sujeito principal do fato relatado –, sendo intitulados: “Fluência em vários idiomas”, “Críticas aos católicos sem convicção”. Por essa razão, o inventário quantitativo não espelha a importância e centralidade desse gênero, uma vez que consideramos o conjunto formado pelo texto principal e seus auxiliares (retrancas) como apenas uma reportagem. Assim, mesmo que as reportagens representem somente 14,1% do total dos textos do Caderno (levantamento quantitativo), em questão de espaço ocupam a maior parte do CFC.

Quanto ao tipo, inventariamos reportagens noticiosas e temáticas. Decidimos considerar essa única divisão, mesmo sabendo que autores como Bonini (2008) têm outros tipos para reportagem, pois acreditamos ser mais didático para o nosso contexto de pesquisa. No CFC, a maior incidência é de reportagens noticiosas. Em relação às temáticas, na maioria das vezes, podemos classificar como “reportagens de divulgação científica”. Mesmo essa nomenclatura não sendo tão comum, optamos por considerá-la, uma vez que entendemos que esse tipo de reportagem tem que ser destacada das demais, por ser um gênero significativo para se tornar objeto de ensino, pois constitui uma forma de “divulgação/vulgarização” dos saberes científicos.

Como já dissemos, o gênero textual *infográfico* vem conjugado/complementado à reportagem. Após delinear o funcionamento do gênero dentro do Caderno, tratamos uma concepção da infografia definida por Teixeira, segundo a qual infográfico é: “[...] um recurso que alia imagem e texto de modo complementar para passar alguma(s) informação(ões).” (TEIXEIRA, 2007, p. 112). Dentro do CFC encontramos sete infográficos, todos conjugados a reportagens, que veiculavam informações sintéticas que já foram expostas na reportagem ou traziam complementos à matéria principal. Cada vez mais vemos a importância do infográfico, pois ele possui uma forma pragmática que chama a atenção dos leitores pela articulação da linguagem imagética e verbal, o que se torna mais didático para o entendimento do todo – da reportagem, no nosso caso.

A representação em percentual desse gênero é de 0,32%, o que não representa um número significativo quantitativamente, mas, com certeza, o é em relação à sua importância para o Caderno, já que é comum, na atualidade, na prática social da leitura de textos do jornal impresso, a “leitura rápida” de fotos/legenda, infográfico, títulos. São esses que, muitas vezes, chamam a atenção

do leitor para o texto principal. Porém, muitas vezes, a leitura de um infográfico, por exemplo, já satisfaz o interesse do leitor. Um aspecto muito discutido é quem seria o responsável por produzir o infográfico: pessoas especializadas ou o próprio jornalista que escreveu a reportagem. Em entrevista à *Folha de Londrina*, ficamos sabendo que o jornal conta com pessoas especializadas que cuidam da manipulação da imagem (os infográficos vêm assinados como *Folha Arte*). Na *Folha de Londrina*, o repórter produz a reportagem e “encomenda” o infográfico, dando orientações para sua confecção. Dessa forma, há uma coautoria. Outro aspecto que percebemos nos infográficos publicados no CFC é que alguns deles possuem uma hibridez quando à discursividade, podendo incorporar outros gêneros, como, por exemplo, o manual, mas não deixando de ser um infográfico (ver o tópico “*O ato textual e seu contexto de produção*”).

Em relação à *foto-legenda*, mesmo Bonini (2003) considerando esse gênero como autônomo, no CFC não houve incidência desse formato, somente de forma conjugada à reportagem. Consideramos o conjunto foto/legenda como um único gênero, pois os dois funcionam de forma articulada – é muito mais que uma dependência, como é o caso da foto/legenda em relação à reportagem. No CFC as fotos ilustram a reportagem, todavia as legendas não descrevem simplesmente a foto, elas trazem informações complementares, como: “A bebida melhora a capacidade de atenção, memória e aprendizado”. Numericamente sua representação é de 334 fotos/legendas nesses três meses (terça-feira a sábado): um número condizente se pensarmos que o número total de jornais analisados, no período já citado, é de 66, o que dá uma média de cinco fotos/legendas por jornal.

Em relação à *resposta instrucional* ou *explicativa* (coluna “Seu direito”, “Sua saúde”), assim a nomeamos por ser uma coluna localizada na segunda página no canto direito, ser intitulada ora como “Seu direito” ora como “Sua saúde”, ter abaixo um título (frequentemente um substantivo) e, logo após, como se ocupasse o lugar do subtítulo, uma questão relacionada a esse assunto do título.

Segundo entrevista feita com a *Folha Londrina*, esse espaço é escrito pelo jornalista do CFC que estiver menos ocupado no dia. A pergunta pode ser enviada pelos leitores, por meio do e-mail da Folha Cidades, ou os editores mesmos percebem alguma necessidade da comunidade e elaboram a pergunta. Essas questões giram em torno de dois grandes tópicos, os quais dão título à coluna: “Seu direito”, “Sua saúde”. Elas podem ser respondidas, discursivamente, por meio de

instruções (sequências injuntivas), com predominância de verbos no imperativo (“faça isso”, “melhor comprar a tarde”) ou explicações (discurso teórico, com sequências explicativas). Os editores do CFC selecionam quem vai responder: se é um médico com quem eles entram em contato ou uma instituição, como a Fundação Procon, muito citada na coluna, ou os próprios editores, com respaldo de uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto. A nomeação desse gênero foi feita, assim, com base na descrição linguístico-discursiva e funcional dos textos encontrados, pois não encontramos nenhum pesquisador que descrevesse esse gênero, da forma como ele aparece no CFC. Do total de textos publicados nas colunas “Sua saúde” e “Seu direito” o percentual resultante foi de 3%, o que corresponde a dizer que dos dias da semana analisados, terça-feira a sábado, nos três meses, todos esses dias tinham esse gênero.

O *roteiro*, segundo Carvalho, são “[...] dados indispensáveis ao consumo de bens simbólicos.” (CARVALHO, 2010, p. 3). Como essa definição nos parece vaga, decidimos complementá-la. Sendo assim, para a pesquisa, o roteiro é um texto que veicula informações que possibilitam a população acesso a bens simbólicos (entendemos como simbólicos aquilo que não é material). Dessa forma, esses bens simbólicos podem constituir, por exemplo, informações em relação a um concurso, vestibular, bolsa de estudo, congresso, etc. Nos roteiros publicados pelo CFC sempre aparece o nome da cidade (do Paraná) na qual vai acontecer o evento divulgado, um e-mail ou número de contato. A coluna chama-se “Agende-se” e comporta cerca de 10 textos. O roteiro possui a mesma representatividade que o gênero descrito acima. Sendo assim, ele é veiculado diariamente, seu percentual é de 3%. Acreditamos que o roteiro tem grande importância para a população por informar eventos que acontecerão na região.

Após pesquisar uma definição para os textos que rotulamos como *previsão do tempo*, pois entendemos ser assim que os leitores o denominam, constatamos que pouco se fala sobre esse gênero textual e quando isso acontece apenas ele é classificado, como o faz Chaparro (1998, 2008), autor que o lista, mas não esboça suas características. Sendo assim, nos propomos a refletir em relação ao gênero, focando os veiculados pelo CFC. Esse gênero aparece na página 3 ou 4, por questão de espaço. Possui esboço do formato do estado/país, com figuras que representam como estará o clima no dia (sol, nublado, chuva) nas principais cidades do estado/país. Para entendermos o significado de cada figura há uma legenda. No

caso da previsão do tempo do CFC também são informadas mínima e máxima de temperatura no estado do Paraná e nas suas principais cidades, assim como nas capitais do Brasil. Também aparecem: a lua dos próximos dias, a estação que estamos, o horário em que o sol nasceu e em que irá se pôr, além de trazer notas relacionadas a como estão o tempo e o clima no Brasil ou no mundo. Sendo assim, esse é um gênero multimodal, pois há um sincretismo entre linguagem verbal e imagética. É um gênero com um grande poder de síntese, pois veicula várias informações em pouco espaço. Dessa forma, estamos denominando “previsão do tempo” esse conjunto de informações multimodais que engloba todos esses elementos já citados. Todavia, esse formato/plano textual global se restringe ao CFC da Folha de Londrina, pois outros jornais podem estruturar o gênero de outra forma. Quantitativamente, a previsão do tempo é publicada todos os dias, uma em cada exemplar, o que representou 3% do total.

O *anúncio publicitário comercial* é um gênero próprio da esfera publicitária, pois seus objetivos estão relacionados a esse campo social: busca anunciar um “objeto/serviço” focando como finalidade sua venda. Entretanto, ele é um “gênero do jornal impresso”, pois esse veículo é um de seus “porta-vozes” tradicionais. A esfera publicitária “[...] busca fórmulas mágicas para que o consumidor se veja refletido nas imagens veiculadas, estimulando sua ‘identificação’ com as marcas/logos através de grupos classificados a partir de diferenças específicas.” (BELELI, 2005, p. 46). Dessa forma, “[...] é possível analisar uma propaganda partindo da percepção de que ela tenta seduzir seu público-alvo.” (LOPES-ROSSI, 2010, p. 422). Como foram publicadas, no CFC, propagandas de shopping, lojas de roupa, carros, shows, supermercados, redes de TV locais, isso nos levou a interpretar que o seu público-alvo é a classe média, com variedade de idade entre 18 anos e 50 anos, adultos com uma situação financeira estabilizada, possíveis consumidores dos “produtos/serviços” anunciados. No CFC foram publicados cerca de três anúncios por dia (nos dias analisados).

Por último, tratamos sobre o gênero *nota*, que, no CFC, se apresenta em dois tipos – *nota social* e *nota obituário* –, ambos conjugados às suas respectivas colunas: coluna social “Oswaldo Militão” e coluna “Falecimentos”. A nota social se subdivide em: *nota comentário relatado* e *nota relato*. Acreditamos que a definição mais apropriada para a *nota comentário relatado* seja a apresentada por Figueiredo: “[a nota] relata o ponto de vista de algum opinante (pessoa ou instituição) sobre

determinado fato ou aspecto da realidade.” (FIGUEIREDO, 2003, p. 40). No caso do CFC, quem escreve as notas é Oswaldo Militão, opinando em relação a alguma personalidade londrinense ou regional. São relatos que trazem sutis interferências avaliativas do colunista, normalmente, expressas por adjetivos, como podemos perceber na seguinte nota: “O *popular* Marcão da Madeireira preparou, domingo, em sua residência, o seu *famoso* bacalhau [...]” (20/04/13 – grifos nossos); ou nesta de 12/04/13: “As *belas* irmãs Helena Barbero e Luly Barbero Turquino [...]” (grifo nosso).

Em seu outro formato, a nota é veiculada como um relato puro de algum acontecimento. Essa nota é um “[...] relato de acontecimento que está em processo de configuração. Nem todos os elementos da notícia são conhecidos [...]” (CARVALHO; GURGEL, 2010, p. 3). No nosso caso, apenas informa sobre eventos que ocorreram ou que ocorrerão: “Estratégia corporativa é o tema da nova série apresentada com sucesso todas as quartas-feiras, pelo consultor e professor [...]” (CFC, 12/04/13).

Já para *nota obituário* trazemos Medina, para quem o obituário é um gênero que traz “[...] informações sobre óbitos registrados pelos cartórios especializados, publicados em colunas específicas.” (MEDINA, 2001, p. 54).

Como se pode notar por meio do Quadro 5, a nota social é o gênero que tem mais incidência no CFC. Todavia, seus textos são muito pequenos: seria preciso reunir 20 notas para alcançar o espaço que uma reportagem ocupa. Dessa forma, o que observamos, na nossa pesquisa, é que não podemos medir a representatividade de um gênero pela pesquisa quantitativa. Para tanto, faz-se necessário analisar o contexto de produção, ver o funcionamento dos gêneros dentro do Caderno, sua organização global.

Em relação ao CFC os gêneros centrais são: previsão do tempo; roteiro; reportagens com um teor policial; nota obituário; resposta instrucional ou explicativa; notícias – pois são gêneros que informam, constituem a “cara” do Caderno, seu diferencial, ou seja, correspondem ao seu objetivo maior, que é informar. O CFC possui apenas dois gêneros periféricos: o anúncio publicitário comercial e a nota social. Categorizamos-os como periféricos, pois eles não correspondem às necessidades imanentes de seus leitores, não são gêneros primordiais. Posto que o objetivo do jornal é informar e trazer opiniões em relação a essas informações, os gêneros considerados periféricos vão contra esse conceito, pois visam “[...] promover produtos e pessoas.” (BONINI, 2003, p. 221). Isso incide sobre o jornal,

mas não é uma necessidade inerente a sua funcionalidade. Já os conjugados encontrados foram: a foto-legenda e o infográfico; ambos apareceram conjuntos a reportagens. Portanto, foram inventariados no CFC seis gêneros centrais, dois periféricos e dois conjugados.

Por fim, trazemos, a título de curiosidade, alguns Cadernos/Seções de outros jornais impressos de grande circulação que possuem equivalência com o CFC da *Folha de Londrina*: *Metrópole (O Estadão de S. Paulo)*; *Cotidiano (Folha de São Paulo)*; *Rio (O Globo)*. Semanticamente, com exceção da *Folha de S. Paulo*, que rotula seu Caderno pelo teor daquilo que veicula (*Cotidiano*), as nomenclaturas se equivalem, pois elas estão relacionadas ao campo semântico de “cidades” – Caderno *Folha Cidades*, *Metrópole* e *Rio*.

Considerações finais

A elaboração de um modelo teórico do CFC da *Folha de Londrina* se justifica por esse ser uma ferramenta para a produção de materiais didáticos que se centram nos gêneros jornalísticos, sobretudo em contextos em que esse jornal aparece como um instrumento potencializador da transposição didática – casos, por exemplo, das escolas parceiras do Programa *Folha Cidadania*. Por isso, nosso estudo afeta, principalmente, a região atendida pela *Folha de Londrina*. Entretanto, não podemos nos deter apenas nesse suporte, uma vez que nossa pesquisa ultrapassa as barreiras regionais, pois discute questões gerais que envolvem a descrição de gêneros do jornal e sua transposição para o contexto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Essa pesquisa foca os estudos dos dez gêneros inventariados, por meio de um viés sociodiscursivo. Para tanto, esboçamos os principais aspectos dos gêneros encontrados, a fim de que esses se tornem objetos de ensino da língua, construindo assim um modelo teórico do CFC.

Esperamos, assim, dar suporte à realização do projeto de pesquisa ao qual este trabalho se vincula, contribuindo para o processo de transposição didática externa dos gêneros que circulam na *Folha de Londrina*, com ênfase nos veiculados pelo CFC.

NOTAS

* Eliana Merlin Deganutti de Barros é doutora em Estudos da Linguagem pela UEL - Universidade Estadual de Londrina. É professora adjunta do curso de Letras/Anglo da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP/Cornélio Procópio). Coordena o subprojeto PIBID "Letramentos na escola: práticas de leitura e produção textual". É pesquisadora dos Grupos de Pesquisa/CNPQ "Diálogos linguísticos e ensino (DIALE/UENP)", "Gêneros textuais e mediações formativas" (GEMFOR /UEL) e GEDFOR (UFGD). E-mail: edeganutti@hotmail.com

** Gabriela Martins Mafra é graduanda do 4º ano de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/Campus Cornélio Procópio), bolsista PIBID/CAPES e aluna de Iniciação Científica. E-mail: gabi_martins_mafra@hotmail.com

¹ Para este artigo, utilizamos a categoria de plano textual global, porém, adaptando-a à análise de um subsuporte textual: um caderno de um jornal impresso.

² É comumente uma frase destacada, com aspas, localizada no meio do texto. No Caderno Folha Cidades o olho está contornado por retas coloridas e sem aspas.

Referências

ALVEZ FILHO, Francisco. **Gêneros Jornalísticos: Notícias e cartas de leitor no ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. **Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação**. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012a.

_____. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. **Raído**, Dourados, v. 6, n. 11, p.11-35, jan./jun. 2012b.

BELELI, Iara. **Marcas da diferença na propaganda brasileira**. 2005. 175 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: FolcoMasucci, 1969.

BONINI, Adair. As relações constitutivas entre o jornal e seus gêneros: relato das pesquisas do 'projeto gênero do jornal'. In: BRAGA; Sandro; MORITZ, Maria Ester Wollstein; REIS; Mariléia Silva dos; RAUEN, Fábio José (org.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 21-45.

_____. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 1, jul./dez. 2003, p. 205-231.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares Nacionais: língua portuguesa (ensino de primeira a quarta série)**. Brasília/ DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e**

quarto ciclos do ensino fundamental – Língua Portuguesa. Volume: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 1998.

BRONCKART, Jean- Paul. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006(a).

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003.

_____. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**. Ano 4 – número 6 – março de 2006(b). Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_6_entrevista_bronckart_port.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2014.

CARVALHO, Tatiane E. M; GURGEL, Eduardo Amaral. **Gêneros jornalísticos no ciberespaço**: estudo sobre os portais UOL e G11. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0847-1.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus. 2008.

DOLZ, Joaquim; GAGNON; Roxane; CANELAS-TREVISI; Sandra. Cartes conceptuelles des objets d'enseignement. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). **Des objets em classe de français**. Rennes: Presses Universitaires Rennes, 2009, p. 65-74.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JR, Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnicas de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. 1986. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=mclWkbn98K4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 ago. 2014.

FIGUEIREDO, Lisette Fernandes. **A nota jornalística no jornal do Brasil**: um estudo do gênero textual e de sua função no jornal, 2003. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

FONTANA, Niura Maria; PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; PRESSANTO; Isabel Maria Paese. **Práticas de linguagem**: gêneros discursivos e interação. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia. Leitura de propaganda impressa. In: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM LINGÜÍSTICA, n.6, 2010, Taubaté. **Anais...** Taubaté: UT, 2010, p. 417-430.

_____. Práticas de leitura de gêneros discursivos: a reportagem como proposta. In: PETRONI, Maria Rosa (Org.). **Gêneros do discurso, leitura e escrita**: experiências

em sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 51-68.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros Jornalísticos**: repensando a questão. 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 17 jul. 2013.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PARANÁ, Secretaria da Educação. **Diretrizes Curriculares de Ensino do Paraná**. Paraná: Governo do Paraná, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios para classificação. 2009. Disponível em: <<https://ubithesis.ubi.pt/bitstream/10400.6/509/1/seixas-classificacao-2009.pdf>>. Acesso em: 03 de ago. 2013.

TEIXEIRA, Tattiana. A presença da infografia no jornalismo brasileiro – proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v.9, n. 2, p. 111-120, maio/ago. 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em: maio de 2015.

Aprovado em: agosto de 2015.